



Ficha de Actividade

Actividade: Trabalho de grupo – Relato de Casos para identificação de situações – “perfil do abusador”	
Objectivo geral: <ul style="list-style-type: none">• Ser capaz de se proteger face à exploração sexual e aos abusos sexuais	
Objectivo específico: <ul style="list-style-type: none">• Identificar num relato traços típicos de um abusador	
Material: <ul style="list-style-type: none">• PowerPoint sobre a prevenção da exploração e dos abusos sexuais• Projector multimédia portátil• Fotocópias do Relato de Casos	Tempo: 60 a 90 min
Destinatários: 2ºE Curso Profissional de Técnico Serviços Jurídicos	
Procedimentos: <ul style="list-style-type: none">• Apresentação do PowerPoint “Prevenção da exploração e abusos sexuais”• Formação de grupos de 4 elementos• Leitura de alguns casos de vítimas de abuso sexual• Redacção de uma queixa/denúncia/pedido de ajuda• Apresentação e debate dos trabalhos de grupo	



RELATOS/HISTÓRIAS

Mariana, 55 anos, comerciante - Recife-PE

Após muitos conflitos, resolvi escrever algo sobre o abuso sofrido na infância, por parte de um "amigo da família, como tantos, acima de qualquer suspeita", e das tentativas das quais "quase" fui vítima.

De família do interior, vim com a minha família para Recife com sete anos. Morávamos num bairro de classe média. Excessivamente tímida, não gostava de sair, preferia ficar em casa. A única casa que eu frequentava era a casa da minha professora particular, que tinha um sobrinho da minha idade.

Naquela época, no início do abuso, a televisão era novidade.

Tenho lembrança de que ia para a casa da minha professora, já "solteirona" casa que ficava vizinha à minha, e lá, o irmão mais velho dela, militar, sentou-se algumas vezes junto de mim (advento da televisão) colocando-me no colo - como coisa natural - pelo menos todos os presentes assim viam, e aos poucos, deslizava a sua mão para a minha vagina, e ficava a alisar-me.

Eu ficava estatelada, no entanto, não entendia e não reagia, inclusive não sei nem o que se passava na minha cabeça. Ele era um amigo da minha família, adulto, respeitável, militar, solteiro. Uma pessoa muito séria, muito respeitável.

Como naquela época, tudo era tabu, não se falava em sexo, em nada, eu não tinha a menor ideia do que acontecia. Por algumas vezes (não tenho a menor ideia de quantas), sei que estes fatos se repetiram.

O incrível, estranho, foi o alívio que senti quando soube após MUITOS anos, que ele havia falecido. Só aí senti-me liberta.

Aos 11 anos tive vários sustos na rua, com os exibicionistas. Eu tremia mais que uma "vara verde". E não contava o que havia acontecido em casa, pois não conseguia: apenas chorava, e cada dia evitava mais sair, pois a rua para mim era sinónimo de que alguma coisa ruim ia acontecer, e em casa eu ficava protegida.

Mais ou menos aos 16 anos, um outro amigo da família, médico, com mais de 40 anos amigo de meu pai, que me levou a ele devido a problemas de saúde, passou a buscar-me na porta do colégio, "apaixonado". Nem aí eu consegui contar em casa. Consegui sair da situação constrangedora a muito custo. Naquela época não existia educação sexual, não se falava no assunto abertamente como hoje.

Aos 17 passei a ser "cercada" por um professor no colégio. Como ele insistia em que fôssemos ver a lua na praia, e eu não aceitava tal convite, tal proposta, ele ameaçou-me reprovar na matéria que eu já tinha dificuldade: matemática. Aí, foi a hora de eu começar a aprender a abrir a boca. Gritei, procurei a Direcção da Escola, etc. Mas, foi a minha palavra contra a dele. Mas, pouco tempo depois, outra aluna apareceu grávida - e o pai era ele. Foi uma forma ingrata de provar quem tinha falado a verdade.

De tudo isto, me fica a ideia de que prioritária é a informação, é a educação sexual. É saber conhecer os limites, etc., é saber GRITAR. Eu não soube, e sofri as consequências calada, sem saber falar. Juntas: a timidez, a vergonha e a falta de informação, me trouxeram sérios traumas para minha vida. Eu odiava quem olhava para minhas pernas, pois um dos exibicionistas referiu-se a elas.

Adaptado http://www.sds.pe.gov.br/dpca/Portugues/Relato%20de%20uma%20vitima%20-%20caso%203_por.htm



'Até hoje me pergunto por que ninguém me defendia dos ataques do meu pai. Hoje, trabalho para proteger crianças e jovens'

Marisa Mello, 40 anos, pedagoga

Meu pai era contador (contabilista) e minha mãe, costureira. Morávamos na casa da minha avó paterna, num bairro de classe média de São Paulo. Ela era a única que me defendia das investidas do meu pai. Um dia minha avó saiu e ele, bêbado e drogado, me violentou. Eu fiquei muito machucada, mas a única reacção da minha mãe foi colocar o marido para dormir na sala. Depois disso, meu pai não me molestou mais sexualmente, mas batia frequentemente em mim e no meu irmão, seis anos mais novos. Até hoje me pergunto por que ninguém nos defendia.

Aos 14 anos, casei-me com um militar, cinco anos mais velho, rapaz de boa família e sem vícios. Mas logo ele transformou-se num marido violento e, repetindo o comportamento do meu pai, batia-me muito. Mesmo tendo dois filhos pequenos, eu sentia-me tão infeliz que tentei suicídio aos 17 anos. Mas uma vizinha salvou-me e, a partir daquele dia, nasceu uma nova Marisa. Criei coragem e denunciei os meus pais para o *juizado* (tribunal) de menores. Aos 18 anos, consegui a guarda do meu irmão *caçula* (mais novo) e separei-me. Comecei uma vida nova e um trabalho social. Montei um grupo de teatro, chamado Parábola, para levar a minha mensagem contra a violência doméstica e o abuso infantil a um número maior de pessoas. Depois, formei-me em pedagogia com especialização em psicologia. Passei a receber denúncias e encaminhá-las à Justiça, com o objectivo de proteger as crianças.

Logo no início desse trabalho, encontrei quatro meninos em situação de risco. Dois voltaram a viver com os parentes, um morreu e eu fiquei com o Tom, a primeira das 27 crianças que adoptei. Casei-me de novo, com Edvaldo, com quem descobri uma nova forma de amar, baseada no carinho e no respeito. Ele fez-me sonhar de novo e da nossa união nasceu a Priscila, que tem 15 anos. Do primeiro casamento, tenho a Márcia, de 20 anos, e o Marco, de 19. Ao todo temos 30 filhos. Em 1994, a Parábola foi registada como organização não-governamental e tornou-se referência mundial na área de violência doméstica. Já recebemos e investigamos cerca de 6 mil denúncias de abuso. Oitocentas crianças e jovens receberam tratamento integral ou parcial. Esse trabalho foi a melhor forma de transformar a minha dor.'

Adaptado <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1097333-1740,00.html>

**Caso I**

2002. Beberibe, Ceará.

Menina de 11 anos estuprada pelo próprio pai, que a engravidou. O pai foi absolvido. Ele reconheceu que mantinha relações sexuais com a filha, mas sem coação e que a iniciativa era dela.

Confessou que transava com a filha, de 11 anos, durante o dia, e à noite com a mulher, mãe da menina.

O Ministério Público recorreu da sentença.

Caso II

2002. Beberibe, Ceará.

Menina de 11 anos estuprada por um motorista de táxi, que a engravidou. O autor foi absolvido. Ele reconheceu que mantinha relacionamento sexual com a menina, mas que tudo ocorreu por iniciativa dela.

O Ministério Público recorreu da sentença.

Caso III

2003. Rio Grande do Sul.

Pastor de Igreja Evangélica foi acusado de abuso sexual de uma menina de 5 anos. Foi acusado de ter apalpado partes íntimas da criança e ter feito sexo oral nela.

Voto de um desembargador: embora a tenra idade da criança, ela foi de espontânea vontade ao encontro do recorrente e atraída pelos dizeres do acusado. A prática do acto libidinoso, deste modo, deu-se com o consentimento da criança. Ela foi seduzida e não violentada.

No STJ (Superior Tribunal de Justiça) o acusado foi condenado a 6 anos. Foi afastado o enquadramento na Lei dos Crimes Hediondos, que aumenta a pena pela metade.

Caso IV

Rio de Janeiro 15 Setembro 2007

Reportagem do Jornal Extra de 28/08/07 aborda vários casos de abuso sexual de crianças e divulga uma estatística: Em 30 meses foram registados no Rio de Janeiro 465 casos de abuso sexual.

Caso IV

Pastor condenado a 18 anos por abusar de 4 crianças. Conseguiu com recursos reduzir a pena para 12 anos. Após 3 anos de prisão, foi solto graças à progressão da pena e seu bom comportamento.

[http://www.observatoriodainfancia.com.br/
http://deonde.blogspot.com/2009/08/vitima-relata-que-sofreu-abuso-sexual.html](http://www.observatoriodainfancia.com.br/http://deonde.blogspot.com/2009/08/vitima-relata-que-sofreu-abuso-sexual.html)
http://www.mentalhelp.com/Border_line.htm

PREVENÇÃO DOS ABUSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS

“A 1 de Fevereiro de 1999, Brittany Sweigart e a sua mãe foram atacadas no parque de estacionamento da farmácia, quando estavam a ir para casa.

O assaltante era um homem e usava uma máscara de Carnaval. Brittnay soube que estava em perigo quando viu a sua mãe ser puxada para fora do carro e atirada para o chão. Mas esta menina de 10 anos não entrou em pânico. Ela fez aquilo que lhe ensinaram na escola: Correr, Gritar e Ligar para o 112.”

(Philadelphia Inquires, 1999)

http://www.appepasc.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=53:artigos&catid=39:artigos&Itemid=64

NOTÍCIAS



Casa Pia

Catalina Pestana diz que continuam a surgir relatos de abusos sexuais

07.08.2003 - 09:29



A provedora da Casa Pia de Lisboa, Catalina Pestana, revela que continuam a surgir relatos de crianças da instituição sobre abusos sexuais, alguns dos quais relacionados com os arguidos do processo de pedofilia que a justiça já tem em mãos. A provedora da instituição reitera que os alunos da Casa Pia são vítimas e que "têm de ser protegidos".

A provedora diz que houve quem abusasse sexualmente de crianças da instituição durante três gerações.

(David Clifford/PÚBLICO)http://www.publico.pt/Sociedade/catalina-pestana-diz-que-continuam-a-surgir-relatos-de-abusos-sexuais_1160614**Abuso sexual de menores e violação aumentaram em 2010**

por Lusa 31 Março 2011

O abuso sexual de crianças e a violação aumentaram em 2010 em relação a 2009, mas o total de crimes sexuais diminuíram 14,4%, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) hoje divulgado.

Em termos globais, houve menos 369 crimes sexuais participados às autoridades em 2010 do que em 2009, correspondendo a menos 14,4%, mas em contrapartida houve mais 89 crimes de abuso sexual de crianças (mais 12,9%) e mais 49 casos de violação (mais 13,1%).

Em 69% dos casos de abuso de menores, os abusadores eram familiares.

A "esmagadora" maioria das vítimas de crimes sexuais são mulheres (83,8%) e têm menos de 16 anos (61,9%). Já 97,9% dos arguidos são homens, quase metade entre os 31 e os 50 anos.

Com 2202 participações em 2010, no relatório frisa-se que este número não significa que tenha havido "uma efectiva diminuição do número de crimes", recomendando-se "prudência" e "melhor reflexão" sobre estes números.

Homicídio e assaltos a bombas de gasolina estão entre outros crimes que diminuíram em 2010 em relação a 2009, indica o relatório.

http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1820005



Igreja católica holandesa abre inquérito sobre abusos sexuais

Publicado em 10 de Março de 2010

Escândalos sexuais têm abalado igreja católica

OSSERVATORE ROMANO/reuters

Os **bispos católicos holandeses** decidiram abrir uma **investigação** para averiguar os relatos de vários **abusos sexuais de crianças** que têm vindo a público ultimamente. A investigação está entregue a um político protestante, informou a igreja católica em comunicado.

Os bispos dizem-se "profundamente chocados com os relatos dos abusos sexuais" e asseguram querer apurar a verdade. "Qualquer forma de abuso sexual merece ser severamente condenada", afirmam.

A Holanda é mais um dos países abalados pelos **escândalos sexuais** na igreja católica. Também nos EUA, Irlanda, Alemanha e Áustria têm surgido relatos semelhantes.

<http://www.ionline.pt/conteudo/50422-igreja-catolica-holandesa-abre-inquerito-abusos-sexuais>



Professor fazia-se passar por mulher na Internet para conquistar outros homens

02.06.2011 - 08:20 Por Paula Torres de Carvalho

À frente do computador, ele deixava de ser homem. Passava a chamar-se Ana. Ana Sofia Sá Magalhães, um nome que condizia com o rosto de uma mulher loura, com ar nórdico e sotaque de Cascais. Era com uma fotografia desta personagem que inventara que se apresentava no mundo virtual onde "mergulhava" à procura de relações amorosas com outros homens.

O assédio sexual era feito através da Internet (**Foto: Paulo Pimenta**)

http://www.publico.pt/Sociedade/professor-faziase-passar-por-mulher-na-internet-para-conquistar-outros-homens_1497115